



Conectividade, dependência e novas formas de subjetivação¹

Pedro Luiz Ribeiro de Santi²

Professor e Líder da área de Humanidades e Direito da ESPM

Resumo

Este artigo discute algumas das consequências psicológicas do nosso atual acesso a informações pela internet. Recorro a três vídeos da agência JWT, que apresentam os novos recursos de informações e como eles transformam nossas relações de trabalho, com o lazer e, sobretudo, as relações interpessoais.

Discuto as redes invisíveis nas quais se sustenta esta estrutura e a dimensão alienante no que apresenta como libertador. Discuto também as novas formas de subjetivação e ativismo possibilitados neste contexto e, finalmente, discuto as novas formas de convivência que temos construído: como as relações formadas em rede são transportadas do mundo virtual para as nossas demais relações.

Há uma grande ambivalência nos recursos ganhos e perdidos, em comparações com poucos anos atrás.

Palavras-chave: conectividade; dependência; ativismo; subjetivação.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 5, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP; Mestre em Filosofia pela USP. Líder da área de Humanidades e Direito e professor da ESPM; professor da Especialização em Teoria Psicanalítica da COGEAE/PUC-SP.



Neste artigo, discuto determinados aspectos de nossa experiência atual com a conectividade. A partir da lógica do compartilhamento e de como nos relacionamos com redes sociais e armazenamos dados em meios virtuais, procuro derivar mecanismos psíquicos envolvidos que são estimulados. Eles são relativos à confiança, dependência e perda da experiência de interioridade privada; mas também, ao mesmo tempo, relativos à criação de novos recursos de subjetivação e ação política. A situação é ambivalente: podemos ver recursos psicológicos novos e interessantes sendo criados e, ao mesmo tempo, a perda de condições que costumamos tomar como fundamentais para a constituição subjetiva.

Desenvolvo cada um das partes do artigo a partir de três filmes curtos produzidos pela empresa de mobile marketing Pontomobi e a agência de publicidade JWT, lançados em 2013, para mapear o comportamento do consumidor móvel no Brasil. Os filmes são muito bem feitos e mostram com clareza nossa relação atual com a conectividade.

1. As molduras ignoradas dentro das quais nos movemos

O vídeo “A era do desapareço” (7:19 min.) é aquele que me pareceu mais rico à análise. Nele, é apresentada a marca da ‘liberdade’ proporcionada pela possibilidade de armazenamento de informações (fotos, textos, músicas, etc) num ambiente online, uma nuvem que dispensa um disco de armazenamento à mão. De qualquer lugar e com qualquer dispositivo é possível acessar as informações. A dimensão libertária é evidente: virtualmente, todos os seus livros, arquivos e arquivos de mídia deixam de ocupar espaço físico e passam a estar disponíveis em qualquer lugar ou momento. Aliás, não só os seus arquivos, mas acervos de bibliotecas e museus de todo o mundo. Não é necessário sequer que você leve sua plataforma (notebook, tablet, smartphone). A imagem arcaica que me ocorre é a daqueles casos em que pessoas esqueciam a



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

única cópia de sua tese ou do original de seu livro num taxi e os perdiam irremediavelmente. Esta experiência aterrorizante pode estar superada, hoje.

Mas a liberdade celebrada pelo video faz gritar pela ausência a dimensão alienante do processo. Em nenhum momento se coloca a questão da absoluta dependência e confiança nas condições de possibilidade do processo: dispositivos e aplicativos atualizados disponíveis de acesso, provedores de acesso e armazenamento, para nem mencionar a eletricidade para carregar as baterias (apagões existem). Tudo leva a crer que armazenar dados na nuvem seja tecnicamente mais seguro que armazenar num disco rígido ou pendrive; estes podem queimar ou travar, afinal. Mas quem é o fiador da disponibilidade da nuvem, ou da garantia de privacidade sobre seus dados?

Quero aqui evidenciar que sob a experiência imediata de liberdade, cria-se uma condição de dependência absoluta e renúncia à privacidade, sem que isto seja sequer claramente consciente. Ao depositarmos nossas informações, delegamos a empresas particulares- com seus interesses comerciais- nosso patrimônio cultural e passamos a depender delas como seus guardiães.

Ocasionalmente, a estrutura invisível subjacente ao nosso uso cotidiano da internet se evidencia. Há anos, tornou-se público um processo de espionagem sistemática do Sistema Nacional de Segurança (NSA) dos Estados Unidos. Parte das análises apontavam surpresa e ofensa; outra parte se perguntava se as pessoas não sabiam ou imaginavam que a movimentação pela rede e por telefone pudessem ser controlada, quer como medida estatal de segurança, quer como instrumento de Marketing.

No Brasil, recorrentemente recebemos notícias de que cadastros pessoais feitos para determinadas instituições (inclusive governamentais) são disponibilizados para uso mercadológico.

A ilusão da liberdade e privacidade na movimentação pela internet torna-se ainda mais próxima no dia a dia das redes sociais. Cada um de nós recebe a cada instante publicidade específica relativa aos nossos hábitos de consumo, aos sites pelos quais passeamos ou pesquisas que fazemos. Desde a aquisição do Orkut pelo Google, gradativamente temos tomado consciência de que nossa movimentação pela rede se



torna “cadastro de consumidor”. Complexos mecanismos matemáticos tratados como Big Data permitem uma sofisticada singularização das ações de marketing. De alguma forma, parece que este uso mercadológico de nossa vida virtual nos causa menor desconforto que o monitoramento governamental. O que parece um tanto estranho; uma vez que, em última instância, os governos devem mais satisfações à sociedade que empresas particulares.

Talvez tomemos o poder público como inimigo, por estar associado à lei e aos nossos deveres; enquanto nos rendemos com relação às ações de marketing, tomando-os como cúmplices em nosso anseio por acesso ao consumo e prazer.

De toda a maneira, quando a estrutura da moldura que nos enquadra se torna evidente, reagimos e protestamos, mas basta que ela desapareça para que nos acomodemos. Por isto, no título desta parte disse que as molduras são ignoradas, não desconhecidas.

Em contrapartida, a consciência do monitoramento nos entrega a uma experiência paranóica, de persecutoriedade. É como se entrássemos em contato com o Big Brother do livro *1984*, de George Orwell. A percepção de um poder invisível que irá nos usar em função de seus interesses, sem que alguma instância de controle intermedeie esta relação, deixa-nos entregues a um estado infantil de desamparo e terror.

Temos visto de pouco tempo para cá um novo movimento. A revelação da falta de privacidade na rede passa a ser assumida. O Google comunicou aos usuários de seu e-mail que não pode garantir sua privacidade; e o governo norte-americano, que não doura mais a pílula, assume que seguirá espionando em nome da segurança dos EUA e, alegam, dos espionados. Como esta estratégia ainda é recente, não sabemos se ela irá “colar”. Por vezes, o limite do aceitável vai sendo empurrado sem que nos demos conta. A despeito desta estratégia para tentar “naturalizar” o monitoramento, aqueles que tornam a estrutura visível e denunciam os dispositivos de monitoramento seguem sendo pesadamente perseguidos e punidos como traidores.

A crença num mito da liberdade só pode ser mantida se fingimos não saber aquilo que sabemos, numa defesa subjetiva que a psicanálise chama de recusa, ou “eu sei,



mas mesmo assim”. Talvez tenhamos encontrado um novo “discurso da servidão voluntária”, para usar a expressão de Étienne de La Boétie, no século XVI.

2. Novos mecanismos de subjetivação e cidadania

Remeto-me agora ao vídeo que se chama “Celular: super poderes para todos” (7:58) e trata de algo muito interessante. Três empreendedores criam recursos inéditos de comunicação para seus pequenos negócios. O vídeo mostra um chaveiro que cria um modo de ser acessado online, uma vendedora que usa o tablet como leitor de cartão de crédito, um atendente de hotel que estuda inglês pelo telefone, etc.

Ao mesmo tempo em que uma dinâmica alienante descrita na anterior se dá, é indubitável que o uso da internet criou recursos novos de subjetivação e cidadania. Entre outras coisas, houve uma quebra na estrutura básica da cultura de massa. Quando pensamos nela dos 50 aos 90 do século XX, temos como uma de suas principais características a verticalidade e unilateralidade. A tv, sobretudo, foi o grande instrumento disto.

Dos anos 90 para cá e mais aceleradamente nos últimos anos, a internet em casa passou a produzir uma relativa perturbação daquele processo. As mídias deixaram ser unilaterais. No limite, cada um pode produzir ou processar os dados de massa, e apropriar-se deles. Mesmo que os “criadores de conteúdo” não sejam tantos, todos passam a lidar de forma menos passiva com o processo.

Outra ilustração do potencial criativo e emancipatório da conectividade: um amigo está prestes a concluir sua tese de doutorado em antropologia e é um entusiasta da capacidade de pesquisa e acesso a livros e artigos do mundo todo instantaneamente. Ele pôde mobilizar e articular um volume de informações numa escala que provavelmente seria impossível sem estes nossos recursos.

Mas, para além dos recursos individuais, temos visto o aparecimento de usos coletivos e políticos, considere-se o uso das redes sociais no que foi chamado



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

“primavera árabe”, nas recentes manifestações no Brasil (que se transformaram e multiplicaram desde 2013) ou na difusão de informação fora dos instrumentos jornalísticos tradicionais. Jovens que jamais haviam se envolvido com questões coletivas se postaram nas ruas em manifestações grandes e provocativas. Algo de nosso narcisismo cultural das últimas décadas pode estar se quebrando. Haverá consequências efetivas? Isto poderá mudar a própria ideia de representação democrática?

Não há jornal impresso ou televisivo capaz de estar tão colado nos acontecimentos da forma como as mídias sociais. Jornalistas, policiais e manifestantes levam consigo suas câmeras para filmar provocações ou poderem se defender de acusações de abuso. Tudo isto é muito impressionante e, penso, positivo. A difusão dos mecanismos de acesso e sua velocidade dificultam a censura ou manipulação da informação por qualquer instância de poder (governamental ou midiática).

Ao argumento do controle exercido na rede, com a eventual censura de conteúdos, contrapõe-se a dinâmica dos usuários, sempre dispostos a criar novos caminhos de expressão não tutelada. É um novo capítulo da história do conflito entre controle e liberdade.

Nesta perspectiva, de fato estaríamos vivendo uma época única, na qual nunca tantas pessoas tiveram acesso a tantas coisas (consumo, informação, possibilidade de manifestação). Esta perspectiva interessante e criativa seria capaz de produzir novas formas de cidadania e subjetivação singular, na contramão da massificação do Big Brother.

Talvez a pulverização inicial das manifestações que se iniciaram em 2013 por todo o Brasil tenha a ver com isto. Manifestações disseminadas pela internet, sem liderança ou estrutura comum. O frescor inicial de diluiu é um novo contingente mais conservador de pessoas passou a também ocupar as ruas. De toda a maneira, vale o sinal positivo: ninguém soube ao certo determinar o que estava acontecendo. Quem nutre o sentimento mais comum e decadentista (“este mundo está acabando e estes jovens de hoje são vazios e superficiais”, ou ainda, “não há nada de novo nisto, é só o



de sempre”) mostra não ter ainda conseguido compreender o que há de potencial de criação nestes processos. Certos modos de ser estão desaparecendo e outros estão sendo traduzidos e, mesmo, criados; novas formas de subjetivação podem estar surgindo.

Concluí a parte anterior deste artigo evocando a obra de Étienne de la Boétie- *Discurso da servidão voluntária*- do século XVI. O livro era um manifesto contra a tirania e tinha como título alternativo *Le Contr'un* (O contra o um). A difusão e a fragmentação sofrem da dificuldade de não serem propositivas, mas podem ter seu poder subversivo e criativo justamente na recusa de discursos e dispositivos unificadores.

3. A convivência virtual

O terceiro dos vídeos do conjunto que analiso se chama “Os 7 mandamentos da convivência online” (10:55 min) e discute a necessidade de se criar regras de convívio para os novos recursos de conectividade. A onipresença dos celulares criou a ideia de que todos estejamos acessíveis (ou mais disponíveis) 24 horas por dia. A qualquer momento do dia ou da noite recebemos e-mails, SMS, mensagens em aplicativos. Isto tornou-se absolutamente invasivo.

O lugar onde isto se tornou mais ostensivo foi no campo das relações de trabalho. Com um aparelho da empresa ou com nosso particular, passamos a ser tomados como sempre disponíveis. Esta é outra dimensão a mais da perda de privacidade, distinta da questão do monitoramento, como vimos na parte 1.

De acordo com o vídeo, o problema se deve à novidade destes meios. Passada a novidade, passaremos a transplantar para a rede os mesmo critérios de convívio e civilidade aplicados em outros campos. Mas aqui, eu tenderia a discordar. Na medida em que dispendemos cada vez mais tempo conectados, compartilhamos cada vez mais



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

informações, experiências e sentimentos, isto cria de fato modos de experiência subjetiva novos.

No livro *A cultura da conectividade* (*The culture of connectivity. A critical history of social media*, de José van Dijk (Oxford University Press, 2013), o autor é muito perspicaz em desvendar os princípios que regem a vida em redes sociais, mais especificamente, no Facebook. Toda a política do site é estimular ao máximo os mecanismos de “curtir” e “compartilhar”. A cada momento, novos avanços são feitos no sentido de dificultar a reserva e privacidade de dados. Some-se a isto o ponto da primeira parte desta discussão: temos também cada vez mais salvo nossos dados numa nuvem virtual.

Meu ponto é o seguinte: vamos incluindo nossa subjetividade nos mecanismos e fóruns da rede, despojando-nos de nosso mundo interno privado. Não só fazemos nosso currículo e movimentação bancária pela internet, mas fazemos confissões e declarações, postamos fotos de momentos íntimos familiares. Expomos nossos sentimentos como o fazíamos em diários íntimos. A internet ganha uma dimensão confessional, tendo como interlocutor não Deus, um amigo ou um analista; mas algumas centenas de “amigos”. Muitas pessoas incorporam a mentalidade de postar sua experiência a cada instante que pareça que algo de notável se deu. Se criamos a ideia de que algo só existiu de fato se estiver registrado e postado, estamos diante de uma nova condição de existência, bastante distante daquela que caracterizou o sujeito moderno ou, em termos psicanalíticos, distante da criação de uma subjetividade autônoma e privada. A individualidade interiorizada e privatizada foi criada no Renascimento e dela emergiu o sujeito moderno. Hoje, ela estaria sendo dissolvida numa rede de dependência mútua.

Não estamos levando a etiqueta antiga para a rede, e sim estamos criando uma nova etiqueta. Cria-se uma grande rede de espelhamentos e reconhecimento, nas quais deve-se curtir e compartilhar por princípio posts de determinados amigos a quem queremos agradar, ou, é claro, de pessoas de quem queremos chamar a atenção. Nossos chefes, por exemplo. Ao ingressar no Facebook há dois anos, fui instruído por



um aluno: caso um post seu não seja comentado ou curtido em um prazo razoável (algo até uma hora e meia) é melhor retirar o post: posts zerados são “queima-filme” num perfil.

Assim, Lacan encontra-se com Skinner (com o perdão da piada interna “psi”). Vamos nos constituindo como personalidades virtuais na medida em que determinados de nossos posts são reforçados pelo ambiente e nos situam numa bolsa de valores simbólicos através da qual temos espelhado quem somos nós. Daí a ânsia em postar fotos da balada, das manifestações, dos restaurantes, das férias, dos humores cambiantes ao longo do dia, etc. Ou posts em blogs. Ânsia seguida pelo desespero em conferir quantas pessoas viram, curtiram, comentaram, compartilharam. Se isto fizer sentido, a tendência não seria transplantarmos nossas regras de civilidade para a rede, mas transplantar a lógica da rede para outros campos da vida.

Ao invés de construirmos uma autonomia relativa- capaz de estar só, descolada do outro- estaríamos nos mantendo numa modalidade de interdependência infantil, pulverizada numa nuvem com interesses, estes sim, privados.



COMUNICON 2015 congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

Referências

LA BOÉTIE, Etienne de. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 4a edição, 1987.

VAN DIJCK, Jose. **The culture of connectivity: a Critical history of social media**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Os videos podem ser acessados em:

http://www.proxima.com.br/home/mobile/2013/06/06/Projeto-On-The-Go-traz-videos-que-mapeiam-o-comportamento-do-consumidor-mobile-no-Brasil?utm_source=Virtual+Target&utm_medium=email&utm_content&utm_campaign=Newsletter-Proxima_-semanal&utm_term